

Quando o artista “se apropria do Espaço como coisa sua”: António Alfredo e os espaços públicos de Olivais Sul

*When the artist ‘seizes the Space
as if it was his own’: António Alfredo and the
public spaces of Olivais Sul*

INÊS ANDRADE MARQUES*

Artigo completo submetido a 30 de dezembro de 2015 e aprovado a 10 de janeiro de 2016.

*Portugal, artista visual. Licenciatura em Artes Plásticas / Escultura, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes. Master Diseño Urbano, Universidade de Barcelona, Faculdade de Belas Artes. Doutoramento em Belas Artes – Arte Pública, Universidade de Barcelona, Faculdade de Belas Artes.

AFILIAÇÃO: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ECAATI – Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação, Cicant. E-mail (pessoal): inesravi@gmail.com

Resumo: Esta comunicação incide sobre a participação de António Alfredo (1932-2001) na conceção do espaço público de Olivais Sul – Lisboa (1963-1966). Tratou-se de uma experiência inédita, não apenas porque se reuniram condições para que um artista integrasse uma equipa multidisciplinar, projetando espaços para a fruição do cidadão comum, mas porque a participação deste artista não se traduziu nem em escultura, nem em pintura. Foi o contributo da sua sensibilidade que se procurou incorporar no projeto de espaço público. **Palavras chave:** Arte pública / integração das artes / interdisciplinaridade.

Abstract: *This paper focuses on the participation of António Alfredo (1932-2001) in designing public spaces in Olivais Sul, Lisbon (1963-1966). This was an unprecedented experience, not only because it provided the conditions for an artist to work within a multidisciplinary team, designing spaces for the enjoyment of ordinary citizens, but because the participation of this artist did not take the form of either sculpture or painting. It was his sensitivity that was sought to be incorporated into the public space project.*

Keywords: *Public art / integration of the arts / interdisciplinarity.*

Introdução

A presente comunicação debruça-se sobre a participação do pintor António Alfredo na definição de alguns dos espaços públicos de Olivais Sul, uma das grandes unidades residenciais construídas em Lisboa no século passado. Cidade nova, na sua conceção tudo estava em aberto e era um laboratório de ideias de futuro. Ideias no plano urbanístico e arquitetónico, certamente, mas também no papel que o artista poderia desempenhar na sociedade.

Quem percorrer atentamente Olivais Sul sentirá, em certos locais, uma marcada intenção plástica, mesmo que o passar do tempo tenha danificado ou truncado algo que se adivinha ter sido outrora uma intervenção global no espaço. Em algumas praças é patente uma proliferação de elementos visuais e quase escultóricos – no desenho de pavimentos, ou na própria modelação do terreno, por exemplo – um enriquecimento ambiental que deveria contrariar a monotonia da habitação em massa.

Na conceção desses espaços interveio um artista, António Alfredo, ao serviço do GTH – Gabinete Técnico de Habitação – Câmara Municipal de Lisboa, entidade responsável pela urbanização e edificação daquela unidade residencial desde 1959. Contratado como “pintor-arte”, juntamente como escultor Jorge Vieira, para trabalhar na definição dos espaços públicos de Olivais Sul, António Alfredo foi o artista que mais demoradamente se deteve neste grande projeto (André, 2004, Marques, 2012). Como se descreverá, foi um processo de trabalho eminentemente experimental, de caráter interdisciplinar e que constituiu uma circunstância excepcional de trabalho artístico, ao qual poucos artistas do seu tempo seriam sensíveis (Marques, 2012; Marques, 2013).

Nesta comunicação faz-se uma breve caracterização do pintor António Alfredo, apresentam-se as condições em que decorreu esse projeto que o ocupou intensamente entre 1963 e 1966 e apontam-se algumas das concretizações possíveis das suas propostas, sem esquecer, no entanto, a deliberada atitude de apagamento pessoal e a diluição da sua contribuição num trabalho de equipa.

1. António Alfredo e arte integrada na vida

António Alfredo (1932-2001) estuda Escultura e Arquitetura na ESBAL, num percurso bastante conturbado por razões políticas e marcado pela interdição da atividade discente pela PIDE.

Começa a expor em 1950, na quinta edição das Exposições Gerais de Artes Plásticas, mostras anuais de opositores ao regime, só possíveis no contexto de relativa abertura do após segunda guerra. Embora tenham ficado conhecidas por nelas ganhar visibilidade o chamado Neo-realismo, versão

portuguesa do Realismo Socialista, esta corrente pictórica não caracterizava a totalidade das propostas artísticas em exposição, que se pautavam aliás por grande heterogeneidade formal.

Havia, no entanto, nas «Gerais» uma marcada orientação social, no sentido de um envolvimento ativo do artista nos problemas da sociedade. Um dos aspetos desse envolvimento, e que transcendia o ideário neo-realista para se filiar em desígnios mais abrangentes que marcaram o século XX, era a desejada integração entre as várias artes (S.A., 1946), afirmando-se então que as «Gerais» eram “a única exposição em que os arquitectos aparecem ao lado dos seus irmãos plásticos.” (S.A., 1949).

O facto de exporem em conjunto arquitetos e artistas, de alguns acumularem ambas as profissões e de muitos se dedicarem às artes utilitárias (cerâmica, publicidade, cenografia) é bem exemplificativo de uma visão da arte como prática que não se deveria esgotar no atelier, no museu e nos circuitos habituais, mas que deveria impregnar a vida comum.

António Alfredo forma-se essencialmente no ambiente das «Gerais», onde expõe até ao seu encerramento em 1956, e ficaria sempre ligado por afinidades políticas e estéticas aos artistas e arquitetos nelas participantes.

Nunca pretendendo ser apenas um artista de cavalete, repartiria sempre a sua atividade profissional entre várias áreas de atuação. Além da pintura, do desenho e da escultura, António Alfredo viria a trabalhar em cenografia e figurinismo, em publicidade, design gráfico e ilustração. Se o seu percurso é marcado por um interesse permanente pela integração da arte nos espaços do quotidiano, a criação para o suporte arquitetónico é uma das possibilidades dessa integração a que mais se dedica.

Graças ao convite e incentivo de arquitetos amigos como António Sena da Silva, Vítor Palla, Bento de Almeida ou Eduardo de Medeiros, António Alfredo cria regularmente obras para integrar em edifícios que aqueles arquitetos projetavam ou remodelavam. Estas obras, em técnicas e suportes muito variados – desde murais a encáustica, a peças tridimensionais em ferro ou outros metais – integravam-se, de um modo geral, em edifícios relacionados com o mundo da restauração e da hotelaria. Podem dar-se como exemplo os murais que realiza para a gelataria Veneziana, com projeto de Sena da Silva, além de outras obras para os famosos snack-bares que a dupla de arquitetos Vítor Palla e Bento de Almeida começa a realizar desde meados da década de 1950, como o Pam Pam, ou mais tarde o Galeto (Marques, 2012:372)

As intervenções de António Alfredo caracterizavam-se por uma fácil diluição em contextos arquitetónicos e pela versatilidade de técnicas e materiais,

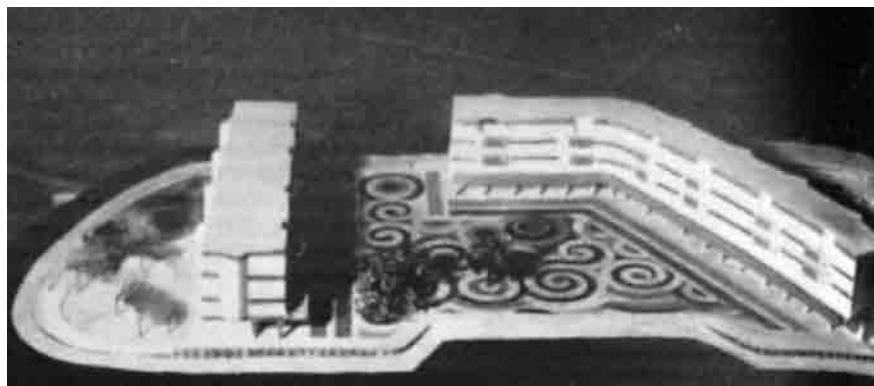


Figura 1 · Antônio Alfredo, praça núcleo de comércio local – Célula C – zona Norte, (atual praça Cidade do Luso).
Maquete. Fonte: Boletim do GTH n° 2, setembro-outubro de 1964.

Figura 2 · Antônio Alfredo, praça núcleo de comércio local – Célula C – zona Norte, (atual praça Cidade do Luso).
Fonte: Boletim do GTH n° 13, 2° semestre de 1967

Figura 3 · Antônio Alfredo, praça e área de recreio para crianças em idade escolar – Célula C – Zona Centro, Praça D (atual praça Cidade de S.Salvador). Planta. Fonte: Boletim do GTH n° 2, Setembro- Outubro de 1964

mostrando o artista uma grande variedade de interesses e uma particular vocação para o trabalho de equipa. Essas qualidades, assim como um forte vínculo de amizade pessoal, são as razões pelas quais o arquiteto Carlos Duarte, diretor do plano de Olivais Sul, o convida para integrar a equipa dos espaços livres daquela unidade.

António Alfredo aceita com entusiasmo, sendo um dos artistas melhor preparados para aquele âmbito de atuação que se desprende do contexto arquitetónico para atingir uma escala urbana. A presença de uma intencionalidade artística definidora da arquitetura ou da cidade interessam-no particularmente. Nestes anos, não apenas realiza vários projetos de arte integrada – de que se destaca a coautoria com os Arq. Francisco Figueira e Luís Rosa do projeto vencedor do concurso para a Sé de Bragança, em 1964 – como reflete sobre o assunto (Alfredo, 1964a; Alfredo, 1964b; Alfredo, 1966).

2. A equipa dos espaços públicos. Carlos Duarte e o plano de Olivais Sul

A contratação dos artistas António Alfredo e Jorge Vieira para a equipa dos espaços livres de Olivais Sul, deve entender-se no âmbito de investigação interdisciplinar continuamente levada a cabo no GTH em várias áreas de atuação. Esta atitude inovadora é devida por um lado ao entendimento dos técnicos que estavam à frente daquele gabinete e por outro à sua excepcional autonomia no seio da Câmara Municipal de Lisboa. A inquestionável reputação do engenheiro Jorge Carvalho de Mesquita, diretor do gabinete, era como um escudo protetor perante as desconfianças da autarquia relativamente ao GTH, às orientações políticas e às opções urbanísticas, arquitetónicas e artísticas do plano de Olivais Sul, da responsabilidade do Arq. Carlos Duarte.

Terá partido justamente deste arquiteto a ideia de convidar artistas plásticos para a “arranjo” dos espaços livres, graças ao conhecimento que tinha de experiências semelhantes noutros países e à convicção de que um diálogo proveitoso se poderia estabelecer com estes profissionais de grande sensibilidade plástica no que chamava a “micro escala do urbanismo.” (Marques, 2012: 374-377). É o seu entendimento do que poderia ser o contributo de uma sensibilidade artística na cidade que lança as premissas desta experiência de colaboração entre artistas, arquitetos e demais técnicos, particularmente invulgar quanto a processo e resultados.

Efetivamente, na conceção dos espaços livres de Olivais Sul, os artistas não tinham tarefas específicas, locais pré-definidos para intervir, nem estavam necessariamente incumbidos de fazer pintura ou escultura. De acordo com o testemunho recente de Carlos Duarte, eram técnicos especiais a quem era dada



Figura 4 - Praça Cidade de S. Salvador em 1971.
Fonte: Boletim do GTH n° 20, 1° Semestre de 1971

Figura 5 - Praça Cidade do Luso, fotografia atual.
Fonte: própria.

Figura 6 - Praça Cidade de Salazar, fotografia atual.
Fonte: própria.

Figura 7 - Praça Cidade de S. Salvador, fotografia atual.
Fonte: própria.

liberdade para “irem encontrando”, no desenvolvimento do plano de urbanização e nos arranjos de espaços livres, as situações onde sentiam que podiam dar o seu contributo específico (Marques, 2012:378).

A contribuição dos artistas passava assim, desde logo, pela participação no debate no decorrer do trabalho de equipa, influenciando o rumo das decisões tomadas coletivamente no respeitante aos espaços públicos. De forma inédita, em vez de acrescentarem uma obra de arte no final do processo de organização do espaço, intervinham nas fases iniciais da sua definição.

Por outro lado, algumas áreas do plano – praças, espaços verdes – foram trabalhadas com mais detalhe pelos dois artistas, e em particular por António Alfredo. Estes espaços foram abordados plasticamente de forma global: da modelação de terrenos à conceção de estruturas lúdicas/escultóricas, do desenho de pavimentos à pintura de murais. António Alfredo realizava para o efeito vários desenhos à mão levantada e maquetes de trabalho em barro, num processo de experimentação formal em que incorporava contributo de outros membros da equipa (Marques, 2012) (Figura 1, Figura 3).

A carga autoral tradicionalmente associada à criação artística dissolvia-se num processo com várias autorias. Muitas das peças desenhadas não estão assinadas pelos artistas, embora se possa adivinhar a sua participação. A assinatura de António Alfredo consta no entanto de alguns projetos de espaço público para os espaços que correspondem hoje às praças da Cidade do Luso, Cidade de Salazar, Cidade de S. Salvador (Figura 2, Figura 4) e à área de recreio da rua Cidade de João Belo.

Em cada um destes projetos – não necessariamente cumpridos na totalidade e hoje bastante deteriorados e truncados (Figura 5, Figura 6, Figura 7) – António Alfredo procura aquela abordagem abrangente, integrando os elementos artísticos que criava no espaço que os envolvia. Tratava-se da desejada “unidade de Criação Artística” só possível quando “o artista se apropria do Espaço como coisa sua.” (Alfredo, 1964b).

Conclusão

A experiência de Olivais Sul, nas circunstâncias absolutamente excecionais em que aconteceu – um trabalho regular, pressupondo um diálogo interdisciplinar, um processo criativo coletivo, a possibilidade de continuamente ensaiar possibilidades desenhando à mão levantada e modelando em barro pequenas maquetes de trabalho, e em que o contributo do artista não se traduzia necessariamente em pintura ou escultura – parece ter conduzido António Alfredo a definir o processo de urbanização e edificação das cidades como o contexto natural para a atividade artística se exercer (Alfredo, 1964b).

As comunicações que profere na época estão permeadas de otimismo e da convicção de que os artistas estarão entre os vários agentes convocados pelos urbanistas para dar conta dessa tarefa.

Diferentemente dos demais, no entanto, os artistas atuam no plano psíquico, "o forno onde se cozinha a criação" e é essa capacidade que, segundo António Alfredo, lhes confere capacidade para serem os grandes programadores de espaços da cidade do futuro. Esta programação "é até sonho, é fantasia, é realização da alma humana na cidade, num plasma, um plasma de humanismo na cidade." (Alfredo, 1966).

Este "plasma de humanismo" nos espaços habitados pelos homens seria assim o grande contributo do artista. O desígnio formulado desde há muito, da integração entre as várias artes, ou mais profundamente da integração da arte na vida, como possível envolvimento do artista na sociedade, encontra nesta convicção e nesta experiência uma possível resposta.

Referências

- Alfredo, António (1964a) "Alguns arranjos de espaços livres em Olivais Sul." *Boletim do GTH*. V.1 (2): 77-78
- Alfredo, António (1964b) "Acerca da arte integrada – Palestra proferida em 18 de Maio de 1964." *Arquitectura – Revista de Arte e construção*. Nº82: 74-81
- Alfredo, António (1966) "Mesa redonda sobre a colaboração entre artistas plásticos." *Arquitectura – Revista de Arte e construção*. Nº 92
- André, Paula (2004) "Mobiliário urbano em Olivais Sul: do desenho às realizações." *Arte-Teoria – Revista do Mestrado em Teorias da Arte, FBAUL*, ISSN 1646-396. Nº 5
- Boletim do GTH nº 2, setembro-outubro de 1964
- Boletim do GTH nº 13, 2º semestre de 1967
- Boletim do GTH nº 20, 1º Semestre de 1971
- Marques, Inês (2009) "Espaço habitacional e o lugar da arte no Bairro dos Olivais Sul, Lisboa." *on the w@terfront*. E-ISSN 1139-7365. Vol. 12: 164-171. Disponível em URL www.raco.cat/index.php/Waterfront/article/viewFile/218899/299219
- Marques, Inês (2012) *Arte e habitação em Lisboa 1945-1965. Cruzamentos entre desenho urbano, arquitetura e arte pública*. Tese de doutoramento. Universidade de Barcelona. Disponível em URL www.tdx.cat/handle/10803/145901
- Marques, Inês (2013) "Dois artistas e o espaço público de Olivais Sul, uma experiência singular." *Revista Rossio – Estudos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. E-ISSN 2183-1327. Nº2:142-151 Disponível em URL [www.issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/rossio_estudos_de_lisboa_02_issuu/151](http://camara_municipal_lisboa/docs/rossio_estudos_de_lisboa_02_issuu/151)
- S.A. (1946) *Catálogo da Primeira Exposição Geral de Artes Plásticas*.
- S.A. (1949) "A IV Exposição Geral de Artes Plásticas." *Revista Arquitectura*, 2ª série, n. 30 (Abril-Maio 1949), Lisboa: 18-20.